

Arte Comentada 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

Arte Comentada 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-056-8

DOI 10.22533/at.ed.568191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pode a arte ser útil e bela? Deve ter função prática? Precisa ser questionadora? Moda é arte? Qual o limite para dizer o que é ou não arte?

Perguntas com muitas respostas, e que levam à outras tantas perguntas, e dessa maneira discutimos, colocamos à prova, testamos e abrimos novos caminhos para se falar e se produzir arte.

Para Platão existem três princípios intimamente ligados: o belo, o bem e a verdade. Ancorados nesta tríade encontramos a inteligibilidade e a autenticidade da arte. Elas se complementam, são indissociáveis, e compreender esta base nos oferece respostas às questões propostas. Uma vez resolvidas essas indagações podemos nos aprofundar nas discussões sobre o fazer artístico.

Aporta-se nessa tríade a moda: entre as linguagens do fazer artístico surge o que separa a produção de vestuário do que é produzido como arte, o livro apresenta debates deste fazer.

O modernismo aparece nas narrativas plásticas que trouxeram à arte, a literatura nos apresenta uma discussão sobre o simbolismo artístico, bem como as memórias culturais dos escritores.

A educação não pode se afastar do debate, afinal na escola, tão pragmática como as nossas, a arte é como um respiro e um alento, uma maneira de perceber a realidade mais humanamente, além de apresentar novas leituras de mundo. Isso pode ocorrer através da cultura popular, da capoeira, da música, da cor ou da literatura. Indiferente da forma como se apresenta uma questão é primordial, não há educação de qualidade que não envolva a arte e suas mais abrangentes formas de expressão.

Tão importante quanto os textos de discussão é a reflexão que ele causa em cada um dos leitores, que passam a ter responsabilidade sobre este conhecimento e a sua propagação. Assim deve ser, se quisermos uma sociedade consciente e crítica e de seu papel: não de espectador, mas sim de protagonista da história, implicando nisso que se assuma a responsabilidade diante da mudança ou da permanência que tanto almeja-se.

Boa leitura e boas ações!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
SAPATÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DE SAPATOS DE CERÂMICA	
Carolina Haidée Bail Afonso Rosenmann Bianca Marina Giordani Gabriel Chemin Rosenmann Jusmeri Medeiros Marizete Basso do Nascimento Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.5681918011	
CAPÍTULO 2	14
ROUPAS TECNOLÓGICAS E PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS	
Adriana Gomes de Oliveira:	
DOI 10.22533/at.ed.5681918012	
CAPÍTULO 3	31
AMÉRICA LATINA, CUBISMO E CIDADES EM NARRATIVAS PLÁSTICAS MODERNISTAS	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5681918013	
CAPÍTULO 4	45
A GATA DE JADE EM <i>REQUIEM</i> PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO (2007), DO TIMORENSE LUÍS CARDOSO	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5681918014	
CAPÍTULO 5	56
PAULISTINHAS – ARTE E CULTURA POPULAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO/NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Roseli Aparecida Silva Geraldo Magela dos Santos Magela Borbagatto	
DOI 10.22533/at.ed.5681918015	
CAPÍTULO 6	65
A COR COMO ARTEFATO CULTURAL NO PROCESSO EDUCATIVO	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5681918016	
CAPÍTULO 7	79
SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES DA ARTE NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Veronica Devens Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5681918017	
CAPÍTULO 8	89
UMA PÁGINA EM BRANCO: ENSINO DE LITERATURA E ARTES NUMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	
Débora Cristina Santos e Silva Leda Maria de Barros Guimarães	

Caroline Francielle Alves

DOI 10.22533/at.ed.5681918018

CAPÍTULO 9 104

CORPO, MÚSICA E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5681918019

CAPÍTULO 10 114

ENRIQUECER OS TEMPOS LIVRES: O CLUBE DE PLÁSTICA DA ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLO PAULA VICENTE, EM BELÉM

Ana Vieira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.56819180110

CAPÍTULO 11 124

PENSAR POR IMAGENS NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDAGOGIA: POSSIBILIDADES COM PROFESSORES QUE ENSINAM ARTE

Angélica D'Avila Tasquetto

DOI 10.22533/at.ed.56819180111

CAPÍTULO 12 135

LEITURAS DAS IMAGENS TÉCNICAS VISUAIS DE UM “INDOMÁVEL CUBO GIGANTE”

Maria Filomena Gonçalves Gouvêa

DOI 10.22533/at.ed.56819180112

SOBRE A ORGANIZADORA..... 152

ENRIQUECER OS TEMPOS LIVRES: O CLUBE DE PLÁSTICA DA ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLO PAULA VICENTE, EM BELÉM

Ana Vieira Ribeiro

UTL - Faculdade de Arquitectura de Lisboa , UL-
Faculdade de Belas Artes
Lisboa - Portugal

KEYWORDS: repetition, difference, artistic disciplines, clubs

INTRODUÇÃO:

1 | O PROJETO *CLUBES*

A Junta de Freguesia de Belém, em parceria com o agrupamento de Escolas do Restelo tem desenvolvido desde o ano letivo 2013/ 2014 o projeto *Clubes*, na Escola Básica de 2º e 3º Ciclo Paula Vicente. Este visa a ocupação das tardes livres dos alunos do 5º ao 9º ano com atividades lúdico-pedagógicas, tendo como objetivos principais promover o sucesso e prevenir o absentismo escolar assim como proporcionar um maior grau de segurança às famílias, assegurando a ocupação dos tempos livres com atividades extracurriculares que permitam desenvolver as competências nas áreas intelectual, artística e desportiva. Desta forma, têm operado 17 clubes diferentes que se agrupam do seguinte modo:

- Clubes da área Desportiva: Futebol, Basquetebol, Voleibol e Piscina;
- Clubes da área Artística: Teatro, Dança, Plástica, , Música e Culinária;
- Clubes da área Intelectual: Laboratório, Audiovisual e Multimédia, Informática e Jornalismo;

RESUMO: O projeto *Clubes*, desenvolvido pela Junta de Freguesia de Belém, pretende dar apoio às famílias através da promoção de atividades lúdico-pedagógicas. O clube de Plástica, inserido neste contexto, propõe-se a promover a prática artística, através do reconhecimento de autores e das diferentes disciplinas artísticas, segundo os conceitos da repetição e da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: repetição, diferença, disciplinas artísticas, clubes

TITLE: Enrich leisure : The Clube de Plástica of Escola Básica de 2º e 3º ciclo Paula Vicente, in Belém.

ABSTRACT: The *Clubes* project, developed by Junta de Freguesia de Belém, aims to support families through the promotion of recreational and educational activities. The Clube de Plástica, inserted in this context, proposed to promote artistic practice, through the recognition of authors and different artistic disciplines, according to the concepts of repetition and difference.

- Apoio ao Estudo
- Clube Ludoteca;
- Clube Natura;
- Clube Culinária;

Ao inscrever-se, cada aluno pode frequentar os clubes da sua escolha preferencial durante os tempos livres, construindo um horário pessoal, continuando a aprender de uma forma informal e lúdica.

A não obrigatoriedade de frequência letiva encerra uma diferença fundamental entre este sistema de ensino e o praticado dentro do contexto do ensino curricular formal. Embora estas sejam atividades com lugar nas instalações da escola e que acompanham o calendário escolar, constituindo um apoio à família e ao estudante, o aluno pode desistir do clube, não sendo imposta qualquer avaliação individual. Esta particularidade mantém o ambiente de aprendizagem num contexto que se pretende descontraído.

No entanto, esse fato levanta outros desafios: como manter os alunos interessados sem perder a qualidade dos conteúdos ensinados? Como verificar que esses mesmos conteúdos são absorvidos, sem impor a carga de julgamento a que as avaliações formais sujeitam os alunos?

2 | DESENVOLVIMENTO:

O Clube de Plástica e a Repetição

Neste artigo serão apenas especificadas as práticas do Clube de Plástica, cujos objetivos a que nos propusemos no programa foram:

- Cativar os alunos para a prática artística;
- Reconhecer que dentro das artes plásticas existem diversas disciplinas artísticas e quais são (ou não) as suas fronteiras;
- Inserir em contexto de aula vocabulário técnico específico e conceitos-chave;
- Exemplificar, sempre que possível, os exercícios através do trabalho de autores, promovendo o seu reconhecimento e a aprendizagem através do conceito pedagógico de repetição, fomentando o direito à diferença;

Temos de aprender o nosso ofício. Dá-se no entanto o caso de devermos aprendê-lo por nós próprios aqui, a frequentar os mestres [referindo-se ao Museu do Louvre] [...] Seja qual for o que preferirmos, só nos deve dar uma orientação. De outro modo não passaremos de um imitador. Se tivermos um sentimento de natureza, seja ele qual for e a felicidade de alguns dons, chegaremos a libertar-nos[...] acredite que se nós sentirmos acabará por emergir a emoção que nos é própria e conquistar o seu lugar ao sol, vir ao de cima [...] devemos ser aquele outro mas à nossa maneira. (Gasquet, 2012, p.106)

Este são as palavras de Cézanne, já idoso, para Joaquim Gasquet relatadas numa obra escrita, baseada em fatos e conversas reais; nela ambos visitam o Museu

do Louvre e ao passar pelas obras expostas, o artista analisa-as, retirando delas as suas conclusões acerca do que é fazer pintura. Explica ainda o quanto o espaço do museu foi e é uma escola para ele através da observação dos mestres que fez durante as suas variadas e bastante demoradas visitas ao mesmo.

O exemplo dos mestres, à semelhança do defendido por Cézanne, é uma prática no clube de plástica. Para cada exercício, ou conjunto de exercícios, tomou-se como exemplo obras de diferentes autores, convidando os alunos a repetir o seu trabalho à *sua maneira*. Mas porquê repetir?

É através da repetição que aprendemos desde que nascemos; aprendemos a falar e a reconhecer o mundo que nos rodeia. A repetição é fundamental para a estruturação individual, é ela, em conjunto com a recordação, que permite a significação - a identificação de algo que se reconhece, porque é repetido. É ela que possibilita a existência de signos e a consequente estruturação da linguagem e do pensamento e posteriormente do espírito crítico (Derrida, 2012. p.57).

No clube de plástica usamo-la para promover o reconhecimento de autores e para indicar possibilidades de expressão criativa. Porque repetir não é necessariamente apenas imitar o que já foi feito, mas informar o espírito e os sentidos, progredindo segundo um processo criativo.

Repetimos, porque repetir, é sempre repetir o irrepetível, no sentido que quando repetimos nunca o fazemos igual ao modelo, mas sim de forma transformada. E repetir é apreender e aprender. Nestas repetições irrepetíveis, está implícito o conceito de diferença (Vieira Ribeiro, 2014, p.17): a diferença nas repetições, a diferença do repetir e a diferença entre indivíduos e personalidades. Desta forma a repetição é uma prática inclusiva, que promove a aceitação da diferença, tão crucial na idade pré-adolescente e adolescente.

Para cumprir os objetivos propostos, as aulas do ano letivo são divididas em capítulos, que mudam todos os anos. A cada capítulo corresponde a sua disciplina artística: Desenho, Hiperdesenho, Pintura, Tecelagem, Livro de artista, Escultura, Instalação, Land Art... todos com exercícios específicos. A ordem pela qual se apresentam aos alunos estes capítulos tem como objetivo fazer uma progressão das duas para as três dimensões: partindo desde a folha de papel enquanto elemento de reflexão intimista (desenho), passando por trabalhos desenvolvidos em grupo, visando a exploração das três dimensões, chegando por último à comunidade próxima, através de um trabalho de *land art*.

Todos os anos é realizada pelo menos uma exposição/ apresentação à comunidade escolar dos trabalhos efetuados, com o fim de recompensar o esforço desenvolvido pelos alunos e motiva-los para a continuação da prática plástica. De seguida, apresenta-se uma breve descrição de alguns dos capítulos bem como uma seleção dos exercícios propostos.

2.1 DESENHO

Utilizando como media principal o carvão e a grafite sobre folhas de papel, foram executados exercícios de desinibição, como o desenho cego e o desenho com a mão não dominante. Estes foram exercícios de abertura do ano letivo e com os quais se pretendia estimular os alunos a soltarem-se tanto graficamente, como na interação com o docente e os restantes elementos do clube. Ainda, com o objetivo de tornar a prática divertida, foi executado um jogo muito bem aceite pelos alunos: a partir de um traço aleatório a caneta (de duração de 2 segundos apenas!), e da sua posterior observação, os alunos foram convidados a completar o desenho conforme o que este lhes sugeria (Fig.1). Este exercício teve um número significativo de resultados surpreendentes.



Fig. 1: Desenho a partir do traço aleatório

Fonte: Própria

Como métodos alternativos de desenhar, a borracha branca e a linha de coser foram empregues como riscadores, tendo sido utilizados meios rigorosos de desenho de modo a criar composições análogas à *op art*, através do uso de matrizes pensadas e executadas pelos estudantes.

2.2 HIPERDESENHO

A linha saltou do papel e podemos manuseá-la, criando desenhos tridimensionais com fio de arame (Fig.2), demonstrando que embora as artes plásticas tenham disciplinas específicas, estas são cada vez menos rígidas no seu médium expressivo e muitas vezes podem mesmo confundir-se. Levantaram-se questões como: estamos a desenhar ou a fazer esculturas?

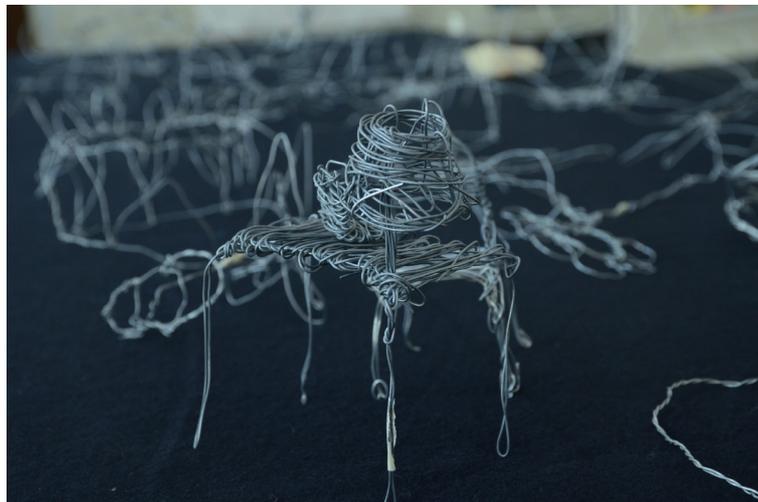


Fig. 2: Desenhos tridimensionais - arame

Fonte: Própria

2.3 PINTURA

Esta tem sido a disciplina artística utilizada para explicar as diferenças entre *figurativo* e *abstrato*: neste contexto, os alunos tomaram contacto com artistas como Jackson Pollock, Hans Hartung ou Pablo Picasso, tendo sido convidados a pintar à maneira destes.

Para a execução do exercício referente a Pablo Picasso, foi utilizado uma cara pintada por cada aluno, recortada em formas geométricas, cujos fragmentos foram posteriormente re-montados, compostos e colados, desconstruindo a ideia de figura imediata.

No trabalho referente a Jackson Pollock ou Hans Hartung, os alunos foram agrupados e através da técnica de *dripping* e o uso de materiais alternativos como esponjas de banho, as mãos, arame, lixa ou balões, pintaram áreas de grandes dimensões, (Fig.3). Este exercício gerou um efeito de libertação das convenções muito apreciado pelos alunos, que se sentiram autorizados a agir contra o sistema vigente a que estão habituados.



Fig.3: Trabalho de grupo utilizando media alternativa como esponjas de banho, as mãos ou balões

Fonte: própria

Através do trabalho de Juan Miró explicitou-se o conceito de *contraste*, utilizando-se a técnica de colagem para sobrepor papeis coloridos e pintados a cartolinas, experimentando quais as opções que resultavam num maior ou num menor efeito de visibilidade.

Foram ainda exploradas técnicas de pintura como o marmoreado, a estampagem e a serigrafia, servindo esta última de mote de introdução ao conceito de *múltiplo* de obra de arte, tendo sido feitas, por cada matriz, uma série de cópias (todas com as suas respetivas particularidades únicas).

2.4 ESCULTURA

No respeitante a esta disciplina, foram experimentadas diferentes técnicas de adição como o barro, gesso ou a pasta de sal. O exercício melhor sucedido dentro desta categoria foi a *Assemblage* (Fig.4 e Fig.5), tendo recaído sobre o trabalho da artista Lourdes Castro o exemplo a ter como referência: a partir de brinquedos velhos e muitas outras peças opcionais, bem como das pequenas figuras escultóricas construídas anteriormente por adição, os alunos energeticamente montaram as suas caixas, colando materiais, peças e objetos na sua composição tridimensional, que posteriormente pintaram com *spray* colorido de uma só cor, tornando o objeto criado numa peça original, fundindo os diversos materiais do conjunto em composições coerentes.



Fig 4: Alunos a pintar Assemblage

Fonte: própria



Fig 5: Assemblage

espaços vivenciais por eles preestabelecidos. Foi também permitida a inclusão de outros objetos, reciclando muitos dos trabalhos de maiores dimensões realizados anteriormente em grupo, dando-lhe novas funções. Estas instalações foram visitadas por espetadores, atraindo aquando do processo de construção a atenção de muitos alunos não inscritos no clube, curiosos devido à aparente revolução operada na sala, e outros convidados pelos alunos participantes. Cada grupo construiu desta forma o seu espaço instalativo que se tornou, por sua vez, parte duma instalação maior - o bairro (Fig.7 a 9).

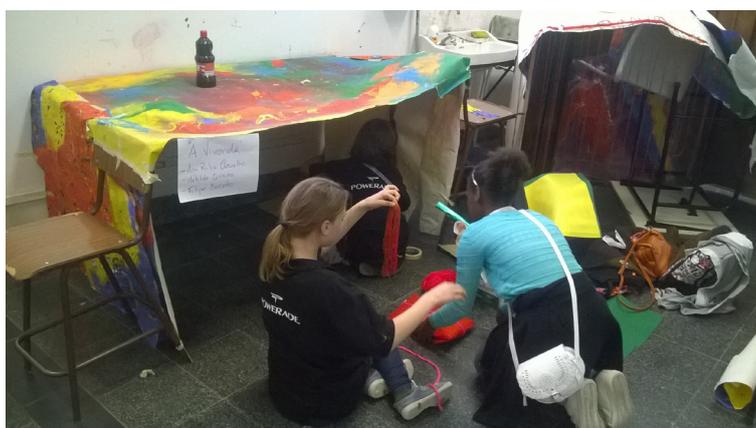


Figura 7, 8, 9 - Montagem e inteção com a instalação
Fonte: própria

3 | LAND ART

Após o visionamento do documentário acerca do trabalho de Andy Goldsworthy,

Rivers and Tides (Riedelsheimer, 2001), e estando as condições climáticas favoráveis, foi promovida a discussão acerca do que significa Land Art . Focando-se esta conversa no significado do nome da disciplina, no tipo de materiais utilizados nestas intervenções e na sua relação com o lugar.

Para colocar em prática o apreendido, dirigimo-nos ao parque dos Moinhos do Restelo para intervir. Cada grupo de alunos após ter explorado o parque e recolhido matéria-prima local, decidiu qual o sítio ideal para deixar a sua marca efémera, conforme o que lhes sugeriu o local em conjunto com elementos encontrados. Os resultados foram documentados através de fotografias, tendo ficado o convite para, segundo a vontade individual, poderem retornar ao parque, de modo a verificar a forma como a sua marca/obra evoluiu com o tempo, e com a convivência dos outros habitantes do mesmo local.



Fig. 10: Trabalho de Land Art

Fonte: própria

4 | CONCLUSÃO

Dentro dos objetivos propostos, foram introduzidos nas aulas conceitos-chave através de exercícios práticos e, pretendendo destacar cada disciplina artística, foi promovida a discussão acerca das fronteiras entre a pintura e o desenho, a escultura e a instalação, a instalação e a land art, tentando explicitar que são diferentes disciplinas artísticas, cujas fronteiras se entrecruzam, misturam e que nem sempre são fáceis de distinguir.

Foi promovido o reconhecimento de autores, e a repetição à nossa maneira da *sua maneira* de trabalhar, tendo sempre em conta que o repetir nunca é pura mimese originária mas o absorver de informação - aprender a fazer, sentir e pensar através

do exemplo de mestres. Como a repetição e a diferença são duas faces da mesma moeda (Derrida, 1968), a *repetição* aplicada a este clube pretendeu também verificar *as diferenças* entre cada aluno e entre os seus resultados, como uma vantagem resultante do processo criativo.

REFERÊNCIAS

Derrida, Jacques (2012) - ***A voz e o fenómeno: Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl.*** Tradução de Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70.

Derrida, Jacques - ***A diferença*** [1968]. In *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto, Rés-Editora, [s.d].

Gasquet, Joachim (2012) - ***O que ele me disse....*** In FAURE, Élie - ***Paul Cézanne, seguido de Gasquet, Joachim O que ele me disse....*** Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar.

Vieira Ribeiro, Ana (2014) - ***A repetição como tempo e como prática artística.*** Lisboa: Faculdade de Belas-Artes. Tese de Mestrado em pintura orientada pelo professor Tomás Maia, apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 2015.

Riedelsheimer, Thomas (2001) - ***Rivers and tides: Andy Goldsworthy working with time*** [documentário]. Arte Edition. 1 DVD (90 min..)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-056-8

